

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Universidade Estadual Paulista/UNESP
REDEFOR – Rede São Paulo de Formação Docente

VÂNIA DE CAMPOS MARINHO ALCARAZ

A EVOLUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

São Paulo
2011

VÂNIA DE CAMPOS MARINHO ALCARAZ

A EVOLUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista/UNESP, pelo programa Rede São Paulo de Formação Docente/REDEFOR, em parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, para a obtenção do título de Especialista em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho.

São Paulo
2011

RESUMO

Aprender uma língua estrangeira não significa memorizar suas estruturas gramaticais ou repetir frases feitas; significa desenvolver as quatro habilidades linguísticas: leitura, escrita, audição e fala e empregá-las tanto na vida pessoal de um indivíduo, quanto em sua vida profissional. O professor já não é visto como o centro do conhecimento, e o aluno não recebe conteúdos de forma passiva. O giz, a lousa, o livro didático vêm sendo substituídos por recursos tecnológicos que muito têm contribuído para tornar o aprendizado real e prazeroso. Esta é uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo comparar as formas de ensinar/aprender no passado e no presente. Esperamos que, com este trabalho, possamos mostrar a importância de se modificar o ensino de uma língua estrangeira para que o aluno se sinta motivado e estimulado a aprender a usá-la em sua vida prática.

Palavras-chave: aprendizado; memorizar; desenvolver; professor; aluno.

ABSTRACT

Learning a foreign language doesn't mean memorizing its grammar structures or repeating clichés; it means developing the four linguistic abilities: reading, writing, listening and speaking, and using them in personal and professional contexts. The teacher is not perceived as holding all existing knowledge and the student doesn't acquire it a passive way. The chalk, the blackboard and the textbook have been substituted by technological resources which have contributed a lot for transforming the learning process into a real and pleasant experience. This paper is a bibliographic research which aims to compare the ways of teaching and nowadays and in the past. We expect that through this study we can show the importance of modifying foreign language teaching so that the student can feel motivated and stimulated to learn and use that language in his/her everyday life.

Keywords: learning; memorize; develop; teacher; student.

SUMÁRIO

Introdução	7
Tema.....	8
Questões de estudo.....	8
Objetivo geral.....	8
Objetivos específicos	8
Justificativa	9
Contribuição.....	9
Metodologia	9
Método	9
Capítulo 1 – A história do ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil	10
Capítulo 2 – Métodos para o ensino de uma língua estrangeira.....	13
Metodologias tradicionais	13
Método da Gramática e da Tradução	14
Método Direto	14
Método Audiolingual	15
Metodologias contemporâneas.....	15
Abordagem Comunicativa.....	16
Abordagem Sociointeracionista	16
Abordagem Moderna/Contemporânea	16
Capítulo 3 – Novos recursos disponíveis para o ensino de uma língua estrangeira.....	18
Música.....	18
Jogos.....	18
Leitura	19
Filmes ou vídeos.....	19
Recursos midiáticos	19
Capítulo 4 – Vantagens e desvantagens da utilização das metodologias contemporâneas	21

Vantagens	21
Desvantagens.....	21
Considerações finais.....	22
Referências	23

Introdução

Aprender uma língua estrangeira (LE) no passado significava memorizar suas estruturas gramaticais e usá-las exaustivamente na aplicação de exercícios. Não se dava importância à prática oral da língua estrangeira; e, quando ela era trabalhada, novamente memorizavam-se frases prontas sem saber em que contexto poderiam ser usadas.

O professor era o detentor do conhecimento e cabia ao aluno receber, de forma passiva, os conteúdos apresentados. Os materiais utilizados eram basicamente o giz; a lousa; o livro didático, que não tinha atrativos; o dicionário e o laboratório de línguas; *flashcards* e *slides*. As aulas eram monótonas e desestimulantes, e o ambiente da sala de aula era “frio” e desmotivador, sem atrativos para o aluno. Havia um relacionamento vertical entre professor e aluno. E este não usava a criatividade, apenas deveria responder aos estímulos que lhe eram dados de forma automática e mecânica, e o erro era visto como uma falha dele no processo de aprendizagem. Essa é a chamada Metodologia Tradicional.

Com o passar do tempo, notou-se que esse tipo de ensino já estava maçante e os alunos não se sentiam motivados a aprender uma língua estrangeira. Novas abordagens, como o sociointeracionismo de Vygotsky, a abordagem dialógica de Bakhtin, a concepção de Piaget do professor como facilitador do processo de ensino-aprendizagem e a implementação de recursos interativos surgiram para revolucionar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

O professor já não é mais visto como o transmissor do conhecimento. Agora ele é o mediador, o facilitador do processo de ensino-aprendizagem. O aluno já não é mais uma garrafa vazia que precisa ser preenchida pelos conteúdos ensinados, como anteriormente problematizado pelo behaviorismo skinneriano. Os conteúdos gramaticais já não são o ponto principal no aprendizado de uma língua estrangeira, e os antigos materiais, como giz, lousa, livro didático e listas de exercícios vêm sendo gradativamente substituídos por recursos tecnológicos, tornando o aprendizado prazeroso e significativo. O aluno, agora, interage com o grupo e usa sua criatividade. Ele debate, discute, ganha autonomia, negocia decisões e se torna responsável pelo seu aprendizado. Agora, o aprendizado de uma LE segue os padrões da Metodologia Contemporânea de ensino.

Tema

Este estudo visa mostrar a evolução no modo de ensinar e aprender uma língua estrangeira, bem como busca mostrar a ressignificação do papel do professor, do aluno e do enfoque dado ao aprendizado de uma LE.

Questões de estudo

- 1) Como era o ensino de língua estrangeira?
- 2) O que mais se valorizava nesse tipo de ensino?
- 3) Quais foram as principais modificações ocorridas no ensino de uma língua estrangeira?
- 4) Como é, atualmente, o ensino de uma língua estrangeira?
- 5) Que recursos os professores dispõem para dinamizar suas aulas?
- 6) Quais as habilidades desenvolvidas no ensino de uma língua estrangeira na atualidade?

Objetivo geral

Estabelecer comparações entre a didática tradicional e a didática contemporânea no ensino de língua estrangeira, a fim de compreender suas especificidades.

Objetivos específicos

- 1) Analisar como o modo tradicional de ensino de LE compreendia o “papel do professor”, “o papel do aluno” e o enfoque desse ensino;
- 2) Investigar os tipos de material utilizados pelos professores, pautados no modo tradicional de ensino de LE;
- 3) Analisar como o modo contemporâneo de ensino de LE compreende a prática do docente e dos agentes nela envolvidos;
- 4) Investigar os tipos de material utilizados pelos professores, pautados no modo contemporâneo de ensino de LE.

Justificativa

Este estudo justifica-se como uma tentativa de chamar a atenção dos profissionais da educação, principalmente dos que trabalham com o ensino de LE, para que modifiquem seus modos de ensinar e utilizem os novos recursos disponíveis; pois, dessa forma, proporcionarão ao educando um ensino prazeroso, significativo e participativo.

Contribuição

Buscamos, com este trabalho, mostrar os benefícios das mudanças ocorridas no ensino de uma LE, visando o uso prático dela por parte do educando e fazendo com que ele sinta prazer em aprendê-la e que possa usar, em seu dia a dia, os conteúdos aprendidos dentro do âmbito escolar.

Metodologia

Esta é uma pesquisa bibliográfica, em que traçaremos um paralelo entre o modo tradicional e o modo contemporâneo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Método

Fizemos a leitura e a análise de artigos científicos, textos, leis, livros e capítulos de livros, que auxiliaram na elaboração deste TCC.

Capítulo 1 – A história do ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil

O ensino de LE no Brasil começou com descobrimento deste país, em 1500. Na ocasião, os portugueses que aqui chegaram se depararam com habitantes nativos, que falavam o tupi; e, como a comunicação entre esses dois povos era imprescindível, a língua portuguesa foi a primeira língua estrangeira ensinada no Brasil.

Durante muitos anos a língua portuguesa foi a única língua utilizada na comunicação entre as pessoas. No entanto, em 1808, com a chegada da família Real ao Brasil, outras línguas estrangeiras modernas passaram a ser ensinadas aqui. Porém, seu ensino se limitava a um grupo seleto de pessoas, ou seja, apenas as classes mais abastadas tinham acesso ao aprendizado dessas línguas. Em 1837, com a fundação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, tivemos o início oficial do ensino de LE no país. Em 1942, com a reforma Capanema, o ensino de Línguas Estrangeiras passou a ser ministrado na rede pública brasileira de ensino. Essa reforma propunha que se utilizasse o Método Direto. Com essa reforma, no curso ginásial ensinava-se latim, francês e inglês; no colegial, francês, inglês e espanhol; e, no clássico, grego e latim. Também houve uma mudança significativa nas cargas horárias, que destinavam 35 horas semanais ao ensino de idiomas. Essa reforma dava oportunidade a todos, sem distinção de classe social, de aprender uma língua estrangeira, uma vez que as escolas públicas também seguiam a reforma.

Com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 e 1971, vemos um retrocesso no processo de ensino de línguas estrangeiras e também a exclusão dos menos favorecidos em seu aprendizado, visto que essa lei deixou de incluir as línguas estrangeiras como disciplinas obrigatórias, ficando a critério dos Conselhos Estaduais decidirem sobre o ensino de línguas. De acordo com o artigo 7: “Recomenda-se que em Comunicação e Expressão, a título de acréscimo, se inclua uma língua estrangeira moderna, quando tenha o estabelecimento de condições para ministrá-la com eficiência”. (Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971).

No entanto, não se davam maiores explicações a que condições se referiam, e o ensino de línguas estrangeiras estava disponível àqueles de classes mais favorecidas, que podiam frequentar uma escola de idiomas ou contratar um professor particular.

A Resolução nº 58, de 1º de dezembro de 1976, traz um resgate parcial do ensino de língua estrangeira moderna, uma vez que tornou seu ensino obrigatório no 2º grau. De acordo com o artigo 1º: “O estudo de língua estrangeira moderna passa a fazer parte do núcleo comum, com obrigatoriedade para ensino de 2º grau, recomendando-se a sua inclusão nos

currículos de 1º grau onde as condições o indiquem e permitam”. (Resolução nº 58, de 1º de dezembro de 1976).

Em 1996, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) torna o ensino de língua estrangeira obrigatório a partir da 5ª série do Ensino Fundamental. O artigo 26, parágrafo 5º, dispõe que:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da 5ª série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição. (Lei nº 9.394/96, de 23 de dezembro de 1996)

Para o Ensino Médio, o artigo 36, inciso III estabelece que: “Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das possibilidades da instituição”. (Lei nº 9.394/96, de 23 de dezembro de 1996).

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), criados em 1998, propõem que “a aprendizagem de língua estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão”. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. (PCNs, 1998, p. 15)

Esse mesmo texto propõe, também, que, ao se ensinar uma LE, deve ser levado em consideração o conhecimento prévio que o aluno tem dela:

Dentre esses aspectos, se destaca como fundamental diagnosticar os conhecimentos que os alunos trazem, proporcionando a eles a oportunidade de identificar e reconhecer esses conhecimentos e oferecer possibilidades de trocas de experiências entre eles, na perspectiva de dar continuidade à construção de novos conhecimentos. (PCNs, 1998, p. 54)

Do mesmo modo, o uso do sociointeracionismo em sala de aula: “[...] a aprendizagem é de natureza sociointeracional, pois aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional” (PCNs, 1998, p. 57). Com a criação desse documento, houve um resgate da importância de se ensinar uma língua estrangeira na escola:

Primordialmente, objetiva-se restaurar o papel da língua estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club International. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem. (PCNs, 1998, p. 19)

Capítulo 2 – Métodos para o ensino de uma língua estrangeira

Vários métodos e abordagens têm sido utilizados no ensino-aprendizagem de uma LE; e é fato que nenhum deles é totalmente perfeito, pois cada um utilizou uma técnica de ensino que era pertinente ao grupo de alunos, ao material de ensino disponível e à realidade cultural da época em que foram implantados. Dessa forma, é preciso ter muita cautela quando se faz uma crítica a um determinado método, porque todos eles apresentam pontos positivos e negativos.

Metodologias tradicionais

O Método Tradicional foi o primeiro utilizado no ensino-aprendizagem de uma LE. Esse método se apoiava em teorias de estímulo-resposta, memorização e total subserviência do aluno. Nesse método, o professor era aquele que detinha o conhecimento; era, portanto, o modelo a ser seguido, o ator principal, que tinha um controle rígido sobre os alunos. Cabia aos alunos receberem, de forma passiva, os conteúdos apresentados como se fossem “garrafas vazias que precisam ser preenchidas com conteúdos transmitidos pelo professor (Skinner)”. (MESSIAS & NORTE, 2010, p. 9) O aluno deveria memorizar as regras gramaticais que lhe fossem apresentadas e aplicá-las em exaustivas e intermináveis listas de exercícios.

O enfoque dado ao ensino de uma língua estrangeira estava na parte gramatical. A parte oral ficava em segundo plano, e, quando era trabalhada, o aluno repetia, de forma mecânica e automática, as frases ouvidas no laboratório de línguas (Método Audiolingual), sem saber em que contexto usá-las.

A relação professor/aluno era totalmente fria e distante e não havia interação entre os envolvidos. As atividades eram todas individuais.

Os materiais básicos para o ensino de uma LE limitavam-se a: giz, lousa, caderno, lista de exercícios, livro didático (sem atrativos), dicionário, laboratório de línguas, *slides* e *flashcards*. A sala de aula era um ambiente frio e desprovida de atrativos que motivassem ou despertassem o interesse pelo aprendizado de uma língua estrangeira.

Essa metodologia de ensino, chamada, aqui, de Metodologia Tradicional, apresentou diferentes métodos de ensino. Dentre eles, destacam-se:

Método da Gramática e da Tradução

Conhecido como AGT, foi o método com maior tempo de uso na história do ensino de línguas. Nesse método aprendia-se a língua estrangeira usando-se a língua materna... Não havia preocupação com a pronúncia das palavras ensinadas em língua estrangeira. Portanto, o professor não precisava necessariamente saber falar a língua estrangeira. O domínio das regras gramaticais era o que mais importava. Logo, o aluno tinha como função gravar, em sua mente, todas essas regras e depois aplicá-las exaustivamente em exercícios teóricos. A comunicação entre os indivíduos era ignorada, o vocabulário era ensinado a partir de palavras isoladas, sem preocupação com o contexto em que eram usadas e a interpretação dos textos era dificultada, pois o aluno deveria ler palavra por palavra – o que resultava em prejuízo do entendimento da mensagem.

Neste método de ensino, o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é o ser passivo que está na sala de aula apenas com a função de ouvir o conhecimento transmitido pelo professor, copiar regras, explicações e exemplos, para depois aplicá-los nos exercícios. Portanto, se ele não conseguisse realizar de forma satisfatória e plena os exercícios, significava que não tinha aprendido o conteúdo e seu erro era visto como um fracasso no processo de aprendizagem.

Método Direto

Nesta metodologia, a língua estrangeira era aprendida pela própria língua estrangeira. Para que houvesse a comunicação entre o emissor e o receptor, usavam-se gestos, mímicas, imagens, e a tradução era proibida. O aluno começou a pensar na língua estrangeira que estava aprendendo. Foi uma das primeiras formas de se utilizar a prática oral da língua, renegada a segundo plano pelo Método da Gramática e da Tradução. Entretanto, o professor continuava como ator principal na sala de aula e o aluno era apenas o telespectador no processo da aprendizagem. As frases apresentadas deveriam ser memorizadas e usadas de forma mecânica pelo aluno, ou seja, era uma aprendizagem descontextualizada, sem oportunidade de criatividade por parte do aluno; e, novamente, a ênfase se dava na memorização.

Foi o método sugerido pela reforma Capanema para o ensino de línguas estrangeiras; mas, por ter sido mal interpretado, ou por comodismo dos profissionais da área da educação, esse método foi novamente reduzido ao “leia e escreva”, proposto pelo método AGT.

Método Audiolingual

É uma reedição do Método Direto e passou a ser utilizado a partir da década de 1950. Este método usava o behaviorismo de Skinner, ou seja, cada vez que o aluno respondia corretamente, cabia ao professor reforçar o acerto dele. A prática oral se dava em um laboratório de línguas (não como o conhecemos hoje), em que, por meio de diálogos e exercícios mecânicos, o aluno praticava oralmente a língua estrangeira.

Novamente, o centro da aprendizagem estava na figura do professor e os alunos repetiam o que ouviam, como se fossem ventríloquos ou papagaios. As frases e diálogos ouvidos eram descontextualizados e o aluno não sabia em que momento de sua vida prática deveria usar o que havia aprendido. Uma vez mais o discente não podia usar sua criatividade e imaginação para formular frases ou diálogos que lhe fossem úteis. A aprendizagem continuava a acontecer de forma automática e mecânica.

Metodologias contemporâneas

Nessas metodologias que começaram a dar seus primeiros passos na década de 1960, há uma “ressignificação nos papéis do professor, do aluno e no enfoque no ensino de uma língua estrangeira. O professor, agora, é o facilitador do processo de ensino-aprendizagem (Piaget); há uma interação professor/aluno, aluno/aluno (Vygotsky); e a abordagem é dialógica (Bakhtin). O professor passa a atuar como orientador, agente da aprendizagem, e não como “reprodutor do conhecimento”. O aluno já não é mais um ser passivo; ele, agora, participa ativamente no processo de ensino-aprendizagem, dando sugestões, opiniões, negociando decisões. Torna-se um ser autônomo e reflexivo. O aluno começa a “aprender a aprender” e se torna capaz de assumir a responsabilidade por sua aprendizagem. O enfoque já não está restrito apenas à área gramatical. Começam a se desenvolver as quatro habilidades linguísticas essenciais para o aprendizado de uma língua estrangeira: leitura, escrita, audição e fala. Há uma abordagem comunicativa da língua, ou seja, aprende-se a língua nos contextos em que ela é realmente utilizada. Passa a haver uma relação direta entre professor/aluno, aluno/aluno e incentivam-se as atividades coletivas, em grupo. O giz, a lousa, o livro, o caderno não são os únicos materiais disponíveis – são apenas materiais de apoio. Agora, o professor conta com recursos interativos, tais como TV, DVD, vídeo, computador, *datashow*, reprodutores de CD. Utilizam-se músicas, jogos, filmes, livros paradidáticos e a internet para estimular o

aprendizado de uma língua estrangeira e para promover a interação do grupo. Essa metodologia se dividiu em:

Abordagem Comunicativa

Surgida na década de 1960, veio a substituir o Método Audiolingual. Seu principal mentor foi Chomsky, para quem “a língua é criativa, e não memorizada” (NORTE, 2010, p. 11) Ao se aprender uma língua estrangeira, as atividades propostas deveriam atender às necessidades ou ao interesse do aluno. Dessa forma, ele deveria aprender algo que pudesse usar em sua vida prática. O aluno, agora, não deve somente ouvir informações, deve expor suas ideias e opiniões. Ele precisa usar a língua aprendida em contextos reais e deve interagir com o grupo de que faz parte. Essa interação deve ser mediada pelo professor. O contato do aluno com a língua estrangeira, agora, não se limita apenas à sala de aula, ele extrapola os muros da escola.

Abordagem Sociointeracionista

Esta abordagem começou a ser desenvolvida na década de 1970. Um de seus precursores foi Vygotsky, que pregou o sociointeracionismo entre os indivíduos. Nesta abordagem, aprende-se a língua nos contextos em que ela é realmente utilizada. Os exercícios repetitivos dão lugar a exercícios de comunicação real e interativa. O professor deixa de ser o centro do conhecimento e passa a ser o mediador da aprendizagem. O aluno, agora, passa a atuar de forma mais ativa nas aulas. Ele começa a ganhar autonomia e pode usar sua criatividade. É dada ao aluno a oportunidade de errar, pois o erro, agora, é considerado um aspecto “positivo” no processo de ensino-aprendizagem. Os recursos interativos que surgiram na década de 1980 vêm gradativamente substituindo o giz, a lousa e o livro didático.

Abordagem Moderna/Contemporânea

Seguindo o sociointeracionismo de Vygotsky, aliado à abordagem dialógica de Bakhtin e à ideia do professor facilitador e de que se aprende por descoberta, tal qual proposto por Piaget, a abordagem moderna parte do conhecimento prévio do aluno. Cada vez mais a língua é ensinada em seu aspecto prático. Professor e aluno trocam experiências e, juntos, constroem o conhecimento. A sala de aula se tornou um espaço estimulante, em que se trocam ideias,

opiniões e em que se começam a vencer desafios. Desenvolvem-se as quatro habilidades linguísticas essenciais para o aprendizado de uma língua estrangeira: leitura, escrita, audição e fala. Neste tipo de abordagem, não há apenas uma simples troca de informações, “as pessoas trabalham juntas, modificando o que sabem e chegando a um saber novo para todas”. (Revista *Nova Escola*, 2010)

Capítulo 3 – Novos recursos disponíveis para o ensino de uma língua estrangeira

O ensino de uma língua estrangeira vem passando por transformações que promovem mudanças significativas nos procedimentos, conteúdos e metas a serem atingidas.

Aprender deve ser um ato prazeroso e também uma oportunidade de o aluno expressar o que pensa, sente e almeja. Os velhos materiais vão, aos poucos, sendo substituídos por novos recursos, que têm contribuído muito no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Cabe ao professor não ter medo de mudar e inovar suas aulas com os novos recursos disponíveis, a fim de promover um aprendizado significativo. Pode-se aprender uma língua estrangeira com:

Música

A música é uma linguagem universal. É facilitadora no processo de ensino-aprendizagem e possibilita a dinamização de conteúdos.

Com a música, trabalha-se com os sentimentos, emoções, com a audição e estimula-se o aluno a analisar, de forma crítica, o conteúdo das canções. Ela desenvolve a criatividade e a concentração. Desperta a autoconfiança. Amplia o vocabulário. Ela pode ser utilizada no início da aula como atividade de relaxamento, pois, por meio dela, combatemos o estresse do nosso dia a dia e nossa mente se abre, facilitando o processo de aprendizagem. Pode-se trabalhar com três tipos de música nas aulas de LE: canções tradicionais, canções escritas especialmente para aulas de línguas e canções modernas. Deve-se sempre solicitar a opinião do aluno sobre com qual tipo de música ele gostaria de trabalhar, pois, dessa forma, a atividade será prazerosa e significativa.

Jogos

Pelos jogos ocorre uma interação entre os indivíduos, promovendo uma permanente comunicação entre eles. O aluno faz novas descobertas e, com isso, desenvolve sua memória, seu raciocínio, sua criatividade, autonomia e capacidade de percepção. Estimula-se o trabalho coletivo, desenvolve-se a cooperação e promove-se a competição entre os jogadores. Pode-se usar jogos já prontos, como, por exemplo, os jogos de *video game*, jogos on-line, ou pode-se propor a confecção de jogos que trabalhem com os conteúdos que estão sendo abordados em sala de aula. É uma atividade estimulante e que os alunos realizam com prazer.

Leitura

Com as atividades de leitura, o aluno tem contato com os mais variados tipos de texto e trabalha com os gêneros discursivos. Ele aprende a refletir, a compreender, a ser crítico, além de ampliar o vocabulário. Trabalhar com leitura é preparar o aluno para exames nacionais, como o ENEM ou o vestibular, que exigem, em suas provas, a compreensão de textos. Os textos permitem que o aluno viaje por um universo imaginário e desperte sua criatividade. Deve-se ter um cuidado especial na escolha do texto ou livro, para que o aluno não se frustre ao fazer a leitura. Também com essa prática incentiva-se a aquisição do hábito de leitura, deixado tão de lado por nossos alunos.

Filmes ou videoclipes

Muito úteis quando se quer debater ou discutir um assunto, pois muitas vezes o aluno não consegue pôr, no papel, o que aquele filme ou videoclipe despertou nele; e, se propusermos uma atividade oral, ele naturalmente começará a falar e se posicionará a respeito do tema trabalhado no filme ou no videoclipe. E, com isso, vai interagir com o grupo. Segundo Moran:

A televisão e o vídeo partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo-daquilo que toca todos os sentidos [...] Televisão e vídeo combinam a comunicação sensorial-sinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Integração que começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir, posteriormente, o racional. (2003, p. 37-38)

Ou seja, são ótimos recursos para chamar a atenção dos alunos e despertar neles o interesse em aprender uma língua estrangeira.

Recursos midiáticos

Os jovens de hoje pertencem à chamada “geração Y” e estão sempre plugados, antenados e conectados com o mundo. Com o advento da internet, o aluno tem a oportunidade de expandir seus conhecimentos, de testar os conhecimentos já adquiridos e de navegar por diferentes culturas. O aluno também pode assistir vídeos, jogar on-line, fazer atividades de

listening, além de se comunicar por MSN, Orkut, Twitter e Facebook com internautas de outros países. Dessa forma, ele usará a habilidade de escrita em uma língua estrangeira.

Cabe ao professor-mediador a tarefa de mostrar os benefícios que o uso adequado dessas ferramentas pode trazer aos alunos. O docente deve conscientizá-los de que, com a internet, eles podem aprender de forma independente e prazerosa, além de que, ao se comunicarem com pessoas de diferentes culturas, eles também terão a oportunidade de conhecer seus hábitos e costumes. O educando, com o uso da tecnologia, passa a fazer parte do mundo globalizado com um simples toque no *mouse*. As atividades escolares com esses recursos devem ter objetivos bem definidos e o aluno deve ter a consciência de que usará o computador com finalidades pedagógicas dentro do ambiente escolar.

Capítulo 4 – Vantagens e desvantagens da utilização das metodologias contemporâneas

Vantagens

Ao utilizar metodologias contemporâneas, o professor propiciará ao aluno um aprendizado real, significativo, com uso na vida prática e lhe proporcionando uma forma prazerosa de aprender. Dará ao aluno a oportunidade de interagir com outros indivíduos e, assim, aprenderá a conviver com as diferenças. Outra vantagem é tornar o aprendiz parte do processo de construção da aprendizagem, permitindo que ele use a criatividade, amadureça, se torne reflexivo, crítico e autônomo, preparando-o para a vida. Para isso, o professor conta com as facilidades do uso de novos recursos pedagógicos e interativos, que se tornaram ferramentas pedagógicas essenciais no ensino de línguas estrangeiras.

Desvantagens

Nem tudo são flores na utilização do paradigma contemporâneo. A maioria das escolas públicas não conta com recursos interativos disponíveis para o uso do professor e do aluno, ou, quando os têm, os equipamentos são insuficientes para atenderem à demanda do número de alunos, ou não estão em condições de uso por problemas burocráticos. As classes são numerosas e heterogêneas – o que dificulta um trabalho efetivo e eficaz por parte do professor. A falta de apoio e incentivo dos gestores escolares, governantes e até mesmo de outros professores desestimula o trabalho, além da dificuldade de profissionais da área da educação, que resistem em mudar suas metodologias de ensino e criticam quem está em busca de novas alternativas que facilitem o aprendizado; não revelando, dessa forma, o espírito de cooperação e interação proposto por Vygotsky. Conseqüentemente, o trabalho se torna exaustivo e, por vezes, solitário.

Considerações finais

As aulas maçantes, desestimulantes das metodologias tradicionais, que condicionavam os alunos a memorizar regras e repetirem frases, nas quais o professor era o “diretor de cena”, a autoridade máxima e, os alunos, apenas elementos figurativos na sala de aula, prevaleceram até meados da década de 1980 e focavam o aprendizado de uma língua estrangeira apenas no conhecimento de sua gramática normativa. Não havia uma relação professor/aluno, aluno/aluno, e o aprendizado se dava de forma mecânica.

Com o surgimento de novas teorias/abordagens (bakhtiniana, piagetiana, vygotskiana) e de recursos tecnológicos, houve uma revolução no ensino de uma língua estrangeira. Isto é, agora professor e aluno trabalham em conjunto, decidem a forma de aprendizado e o conteúdo a ser trabalhado. O professor é o orientador do conhecimento e o aluno torna-se independente e responsável pelo seu aprendizado. É dada ao aluno a autonomia e, com isso, ele se torna participativo, reflexivo e crítico. As aulas não estão mais restritas à lousa e à lista de exercícios mecânicos. Aprende-se de forma lúdica, prazerosa e criativa. Entretanto, há, ainda, certa resistência em adotar essa metodologia de ensino. Muitos profissionais temem em mudar, uma vez que toda mudança implica em reflexão, análise e crítica, e ainda usam o Método da Gramática e da Tradução, ensinando a língua estrangeira por meio da língua materna. Esse temor também se revela, em parte, porque a maioria das escolas públicas não conta com tecnologia disponível para uso (esses equipamentos estão em manutenção ou precisam de uma autorização para entrar em funcionamento), trabalha-se com classes superlotadas e heterogêneas, carga horária reduzida, material didático reduzido a giz e livro didático, falta de apoio, de incentivo e valorização ao trabalho do profissional; falta de apoio da família do aluno, que não valoriza sua aprendizagem e não cobra dele a responsabilidade de estudar. Por isso, muitos preferem continuar a ser subservientes e a exercer “o papel de professores-funcionários irreflexivos obedientes”, conforme frisa Zeichner. (1993, p. 37)

Portanto, sigamos o conselho de Alarcão (2004) e sejamos seres pensantes, intelectuais. Não fiquemos isolados no interior da sala de aula. Devemos dar a oportunidade a nós mesmos e aos nossos alunos de mudar; e os resultados, com certeza, nos trarão satisfação pessoal e a sensação de que somos úteis no processo educacional de nosso grupo e na vida de nossos alunos. Devemos criar alunos pensantes, e não alunos brilhantes e conteudistas.

Referências

CESTAVO, Selma Alas Martins. O Ensino de língua estrangeira: história e metodologia. Disponível em: <www.hottopos.com.br>. Acesso em: 15. out. 2011.

GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes; MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes & NORTE, Mariangela Braga. Recursos Midiáticos e Comunicação Oral. UNESP/REDEFOR, 2011.

HOLDEN, Susan. *O ensino da Língua Inglesa nos dias atuais*. 1. ed. São Paulo: Macmillan, 2009.

LEFFA, Vilson J. O Ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*. APLIESP, nº 4, p. 13-24, 1999. Disponível em: <www.dayara.com>. Acesso em: 6. out. 2011

_____. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDERSEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998, p. 211-236. Disponível em: <www.leffa.pro.br>. Acesso em: 15. out. 2011.

Lei de Diretrizes e Base de 1971. Lei nº 5.692/71. Disponível em: <www.jurisbrasil.com.br>. Acesso em: 6. nov. 2011.

Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Lei nº 9.394/96. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 6. nov. 1996.

MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes; NORTE, Mariangela Braga. Abordagem, método e técnicas no âmbito dos processos de ensino-aprendizagem de LEM. UNESP/REDEFOR, 2010a.

_____. Teorias de aquisição da linguagem: implicações no ensino de LE. UNESP/REDEFOR, 2010b.

_____. Perspectivas sociointeracionistas: implicações para o ensino de LE. UNESP/REDEFOR, 2010c.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 6. nov. 2011.

PESSA, Andressa. A história do ensino de língua estrangeira no Brasil. Disponível em: <www.blog.educacaoadventista.org.br>. Acesso em: 15. out. 2011.

Resolução nº 58, de 1º de dezembro de 1976. Disponível em: <www.helb.org.br>. Acesso em: 6. nov. 2011.

REVISTA *Nova Escola*. Ensino de língua estrangeira vai além da gramática. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/alem-gramatica-426788.shtml>>. Acesso em: 6. out. 2011.

VIDOTTI, Joselita Júnia Viegas. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil: período de 1808-1930. Disponível em: <www.helb.org.br>. Acesso em: 21. out. 2011.